



A RELAÇÃO DAS CORES DENTRO DO TERREIRO DE MINA ESPADA DE PRATA

Carla Caroline Silveira Durans
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)
Endereço eletrônico: duranscaroline@gmail.com

Larissa Lacerda Menendez
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)
Endereço eletrônico: larissa.lacerda@ufma.br

INTRODUÇÃO

A Relação das Cores Dentro do Terreiro de Mina Espada de Prata é um Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís, sob a orientação da Prof^a Dr^a Larissa Lacerda Menendez.

A escolha do tema desta pesquisa parte de uma inquietação sobre a carência de trabalhos que abordem a memória e a continuidade de povos tradicionais de religião de matriz africana em sua enorme gama de elementos simbólicos, sobretudo o Tambor de Mina e seus espaços de culto. Vodunsi do espaço em questão há 7 anos, me vi com o dever de desenvolver o seguinte trabalho, partindo da consciência da necessidade de um relato *desde dentro*.

Diante da escassez dos acessos dos povos tradicionais às políticas públicas - e aqui se tratando de educação em específico, - temos uma quantidade de pesquisas direcionadas ao tema e em sua maioria, com um olhar antropológico *desde fora*, ainda carregados de estereótipos, - embora ainda se buscando justificar pelo “espírito da época” – que em muitos casos, pouco ou nada é devolvido às comunidades que compartilham sua vivência, embora as mesmas tenham colaborado com trabalhos importantíssimos publicados. Portanto, se faz necessária a fala da comunidade, carregada de pertencimento de quem vivencia a realidade ali retratada.

O estudo da história e cultura africana e afro-diaspórica assim como do universo afro-religioso brasileiro é uma tarefa que exige um olhar acentuado no que diz respeito às percepções com relação aos elementos que ali se compõem. A questão de os elementos da cultura africana não serem considerados tema comum nos currículos escolares e todos os percalços propositais encontrados para justificar a falta de um trabalho abrangente tem gerado diversos questionamentos diante dos caminhos



possíveis para a construção de um planejamento que traga efetivamente alguma mudança social significativa.

O contraste do *modus vivendi* dos povos tradicionais de religião de matriz africana e todos os seus valores civilizatórios ali presentes, com o mundo social que predominantemente traz o elemento étnico europeu, do qual estabeleceu a cultura ocidental como sendo o correto modo de vida, assim como a forma detentora da verdade sobre a humanidade (MARQUES, 2020) é um dos pontos que norteia a seguinte pesquisa.

Dentro do cotidiano do terreiro, as cores tomam um significado muito próprio, sendo necessário anos de observação para uma compreensão direcionada.

O seguinte estudo busca enfatizar a pluralidade da concepção artística na sociedade brasileira, partido das referências de povos africanos em diáspora, destacando a cultura Jeje Ewe-Fon, os quais deram origem à tradição do Tambor de Mina no Maranhão. Fazendo uma investigação em torno da relação das cores no espaço sagrado do Terreiro de Mina, no intuito de estabelecer conexões com o ensino da Arte, com a observação das cores nas pinturas e esculturas, a temática da educação em terreiro a partir das questões relacionadas às práticas rituais africanas, brasileira e maranhense, no intuito de superar as dificuldades de humanização e visibilidade aos povos tradicionais de matriz africana.

DISCUSSÃO

Originária do Maranhão, no século XIX, o Tambor de Mina tem sua raiz nos povos do antigo Daomé, em África, e atual Benim. No Brasil, sua gênese acontece através do culto *Jêje*, mesclando-se com o culto da Encantaria, tendo predominância em seus Estados de origem, isto é, Maranhão e Pará, ainda que as mencionadas expansões venham acontecendo. O nome, Tambor de Mina deve-se a uma alusão à presença constante dos tambores nos rituais e aos escravizados Minas, como eram ali designados os negros sudaneses. As entidades espirituais cultuadas no Tambor de Mina são os orixás e voduns *jêje*, entidades brasileiras como caboclos encantados, sendo esses seres da crença indígena, africana e europeia, estes chamados de “nobres e gentis”. Elas identificam-se ainda com linhagens e famílias, apresentando, desde os voduns até os



caboclos, um pertencimento a grupos específicos com uma identidade social relacionada a funções ou regiões de origem (VASCONCELOS, 2019).

Segundo Luz (2010), a arte tradicional negro-africana se caracteriza por ser uma expressão de símbolos, ou melhor, representação de noções ou conceitos que elaboram uma visão sagrada de mundo, e através da religião, dos seus rituais, são mobilizadas forças sagradas, o axé, capazes de atuar e interferir na relação do *ayê* com o *orun*. Trajes e paramentos, emblemas, culinária litúrgica etc. são alguns dos aspectos da linguagem estética que expressam, de um lado, a visão de mundo constituinte da tradição e, de outro, promovem a sociabilidade dos integrantes da comunidade, reforçam os vínculos de identidades e, sobretudo, promovem a circularização de axé garantindo a continuidade da vida.

Segundo Conduru (2010) A um olhar mais atento e aberto aos outros sentidos, nas práticas das religiões afro-brasileiras emerge uma plasticidade que nunca está dissociada do rito e da vivência. A amplitude dessas práticas pode, portanto, conectar a plasticidade dos objetos utilizados nos ritos às artes visuais, mas também, obrigatoriamente, às artes cênicas, indumentária, música, culinária.

Os terreiros são lugares de arte, educação e ciência, valorizar o terreiro enquanto espaço de conhecimentos tradicionais da cultura afro-brasileira nos permite ampliar as possibilidades artísticas. Na contemporaneidade onde o conceito, o significado e a ideia são requisitos elementares à criação, que enxergue na atualidade à riqueza e as lacunas da produção do “passado” (CARDOSO, 2015).

METODOLOGIA

Foi escolhido para esta pesquisa, o estudo das cores presentes na estrutura do espaço sagrado da casa de culto de povos tradicionais de matriz africana Terreiro de Mina Espada de Prata, localizado no bairro da Vila São José, no município de Paço do Lumiar, Maranhão. Neste trabalho, propõe-se uma investigação centrada na pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem quali/quantitativa, sendo respaldado em produções preexistentes que abordam elementos que irão direcionar o presente estudo, fazendo levantamentos de textos em bases de dados na internet, biblioteca virtual e tradicional, no intuito de se obter referenciais teóricos para desenvolver a pesquisa. Será



também uma pesquisa de campo, onde irá se aprofundar no universo das cores do Terreiro de Mina para apontar os elementos ali presentes.

CONCLUSÕES

Dentro das análises, para além de todas as variações construídas ao longo do tempo da diáspora, é visto que é possível manter valores civilizatórios através da construção do comprometimento ao não apagamento da tradição. O Terreiro, para além de espiritual, é um espaço político-social, onde se observa a construção de bases através do repasse da tradição oral.

Investigar como a Arte se move e configura tudo dentro do cotidiano da comunidade possibilita uma visão acentuada a cada detalhe presente nas ações e na estrutura do espaço, gerando assim, uma maior valorização por parte de quem o constitui.

A observação das cores dentro das pinturas, esculturas e toda a seriedade que envolve o direcionamento destas aos respectivos significados, traz a conclusão que dentro dessa tradição cor é vida. A cor e suas variantes detém um enorme peso sacro, é razão da geração de questionamentos, repetições de trabalhos, retaliações e grandes articulações.

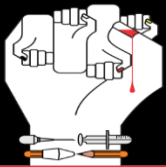
O fazer-parte me possibilitou acessar com amplitude uma gama de detalhes a cada movimentação, desde as construções da estrutura, nos preparos decorativos das ritualísticas dos festejos, no dia-a-dia, aos dias concretizações dos cultos e toda a sua riqueza visual.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Continuidade. Arte. Cor. Terreiro.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Rosiane. **ARTE, APROPRIAÇÃO E HIBRIDISMO NOS ROSÁRIOS DO TAMBOR DE MINA DO MARANHÃO: UMA ANÁLISE DE RESSIGNIFICAÇÕES SIMBÓLICAS DA ARTE AFRO-BRASILEIRA.** Rio de Janeiro: PPGArtes. UERJ. 2015. Disponível em <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/tramas/article/view/187/148> Acesso em: 01/08/2021.

LUZ, Marco Aurélio. **CULTURA NEGRA E IDEOLOGIA DO RECALQUE.** 3ed. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: PALLAS, 2010. 159p.



VASCONCELOS, Maria Fernanda Canova; PARADISO, Silvio Ruiz. **ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: A IMAGEM COMO MATERIALIZAÇÃO DA ENCANTARIA.** Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. 2019. Disponível em <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/6844> / Acesso em 01/08/2021.

MARQUES, Walter Rodrigues Marques; BASTOS, Luís Félix de Barros Vieira. **UM ESTUDO DAS CORES NO BAIÃO DE PRINCESAS DA CASA FANTIASHANTI EM SÃO LUÍS – MARANHÃO.** Maranhão: Universidade Federal do Maranhão. 2020. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ngB6tfaNII4J:www.periodicos.eletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/download/12671/7252+&cd=27&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> / Acesso em: 30/07/2021.

CONDURU, Roberto. **ENTRE A ACADEMIA E O TERREIRO. TEORIA DA ARTE, RELIGIÕES AFRODESCENDENTES E ARTE NO BRASIL.** 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Bahia. 2010. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/roberto_luis_torres_conduru.pdf / Acesso em 05/08/2021.